

O QUE ESTÁ DESENHADO É MUITO MAIS DO QUE ESTÁ DESENHADO: SIGNIFICADOS DO PROJETO ARQUITETÔNICO

Airton Cattani¹

CATTANI, A. *O que está desenhado é muito mais do que está desenhado: significados do projeto arquitetônico*. Revista Educação Gráfica, Bauru, n.4, p.75-80, 2000.

Resumo

A leitura do projeto arquitetônico não se restringe à mera decodificação dos símbolos gráficos ou códigos de representação empregados na antecipação da arquitetura. Este texto aponta para possibilidades de análise do processo de comunicação que se instala entre o projeto e seus usuários, empregando alguns aspectos do referencial semiótico.

Palavras-chave: Leitura do projeto arquitetônico; Semiótica; Representação gráfica

Abstract

The reading of the architectonic plan is not merely confined to decoding the graphic symbols or codes of representation used in the planning of architecture. This text indicates some possibility of analysing in semiotic terms the process of communication which is established itself between the plan and its users.

¹ Arquiteto (UFRGS, 1979), professor da Faculdade de Arquitetura da UFRGS. Mestre em Educação (UFRGS, 1994), doutorando em Informática na Educação (UFRGS).
E-mail: aacc@vortex.ufrgs.br

Keywords: The reading of the architectonic plan; Semiotics: Graphic Representation

A arquitetura, enquanto expressão da intervenção do homem sobre a natureza, pode ser considerada um objeto da cultura universal. Esta condição possibilita-lhe ser enquadrada numa tendência mais geral, que considera todo o fenômeno cultural como um sistema de comunicação, dotado de uma linguagem própria (Corona Martínez, 1969/IX). Assim, a expressão prévia da arquitetura, o projeto arquitetônico, também pode ser considerado como um produto cultural, dotado de sua própria linguagem e passível de leitura.

Numa primeira abordagem, *leitura* é entendida apenas como o processo de reconhecimento dos símbolos gráficos relacionados ao texto escrito. Mas pode ser entendida também como um processo de *produção de significados*, construídos na interação entre o sujeito/usuário do texto (verbal ou não-verbal) e o que ele expressa, de modo que as relações que se estabelecem sejam...

"...carregadas de significação para os sujeitos que as vivem ou que as observam e, conseqüentemente, dotadas de certa eficácia quanto à determinação de suas próprias práticas. (Landowski, 1992:11 - grifos do autor)

Esse tipo de leitura e a análise do processo de comunicação que se instala entre o projeto arquitetônico e seus usuários pede ajuda à Semiótica, ciência que estuda as linguagens não verbais enquanto objetos da cultura, permitindo acesso à obra arquitetônica numa perspectiva não apenas impressionista e descritiva, mas de análise de base de todos os seus elementos compositivos.

A abordagem semiótica da arquitetura é objeto de estudo de vários autores (Jencks/Baird, 1975 / Eco, 1976 / Glusberg, 1978 / Silva, 1985), que, no entanto, analisaram-na como fenômeno em si, deixando em aberto essa possibilidade de análise ao se tratar da representação gráfica do projeto arquitetônico.

O projeto arquitetônico, expresso numa linguagem não verbal, ao interagir com os usuários encarregados de sua materialização (arquitetos, engenheiros, operários, construtores, compradores, etc.), lhes propiciará condições de fazer inferências, ou seja, produzir idéias a partir de outras, o que é uma característica de toda a linguagem, configurando-se numa leitura não verbal. Não uma leitura passiva, decodificando significados, mas uma leitura ampla, que considere a interação não como a retirada de significados prontos do texto/objeto, mas a criação de significados. Ou seja, quando o usuário lê o projeto arquitetônico, está projetando sobre ele a compreensão do que está desenhado, *o que é muito mais do que está desenhado*. Esta compreensão exige que o usuário crie os seus significados, baseados nos referenciais construídos com base nas suas vivências, no contexto em que se situa, interagindo com o objeto do conhecimento. Exige, também, uma atitude contemplativa "pensada" - ao invés de uma percepção distraída ou ingênua, que é a atitude habitual ante a obra arquitetônica -, que poderá retirar do objeto algo mais do que sua simples presença (Corona Martínez, 1969:1).

Eco (1976) e Martina (1989) justificaram esse tipo de abordagem ao tratarem da edificação enquanto fenômeno cultural de comunicação, levando em conta que uma de suas características é a de ser

fortemente simbólica. Seu efeito comunicativo está na capacidade que a obra tem de ser representativa das visões de mundo de seu autor, num dado momento histórico, num contexto determinado. Assim, a abordagem semiótica possibilita a leitura e análise de uma obra arquitetônica de uma forma muito mais carregada de sentido do que poderia parecer ao invocar, por exemplo, seu passado projetual (as condições históricas em que foi concebida), sempre significativo.

A partir do momento em que a prática construtiva passa a ter outras funções que não somente a de abrigo, acarretando-lhe características simbólicas, a análise semiótica da obra arquitetônica procurará vê-la não somente como função, de acordo com a tradição acadêmica, mas como um fenômeno artístico e criativo pleno de significações e que promove representações em seus usuários.

Ao aproximar, pelos aspectos comunicativos e significativos, a arte e a arquitetura, Glusberg (1978) também reivindica a semiótica para um juízo crítico, propondo uma semântica interpretativa "aberta" (não autônoma nem auto-suficiente), que se aproprie também dos aspectos extra-semióticos em que se insere o ato criativo. Segundo o autor, a análise crítica da arquitetura não pode se basear somente nos aspectos interiores da obra, como se não existisse a história, nem um contexto cultural ou institucional do qual se pode extrair sentidos suplementares. Ou seja, determinar o sentido de uma manifestação arquitetônica sem levar em conta o contexto no qual ela se inclui será sempre uma abordagem parcial.

Para Eco (1976), a abordagem semiótica da arquitetura é muito mais

desafiadora, pois seu caráter comunicacional se dá primordialmente pelos aspectos funcionais, o que abre um vasto campo de investigação na busca de outros aspectos comunicativos constituidores da arquitetura (sociais, históricos, políticos, econômicos, etc.), e não somente o funcional ou de significados primários que emergem de imediato. Essa abordagem privilegia a função da arquitetura inserida num espaço social mais amplo.

A arquitetura, ao se efetivar, materializa uma série de pressupostos culturais, tecnológicos, psicológicos, históricos, etc. É na interpretação arquitetônica destes aspectos que vão se refletir as concepções de espaço (para morar, trabalhar, circular, etc.) de uma certa sociedade, em determinado momento histórico. São as condições históricas que determinam a arquitetura. Para Zevi (1978), a história da arquitetura é a história das concepções espaciais de seus autores, determinadas pelo contexto social em que se produziu a arquitetura, mostrando as marcas dos meios pelo qual foi produzida.

Ao abordar a representação gráfica do projeto arquitetônico, Schunck (1992) afirma que...

"...em cada período histórico, a linguagem gráfica expressa não só os conhecimentos científicos existentes, mas a maneira de cada cultura conceber o espaço e a arquitetura, influenciada por valores filosóficos, imposições ideológicas e estilísticas, necessidades de consumo, disponibilidades de técnicas e sofisticação dos instrumentos de trabalho." (p. 126)

Considerado o projeto arquitetônico como um texto não verbal, que possui uma mensagem comunicacional e exterioriza o

processo de concepção e materialização da arquitetura, a abordagem semiótica se justifica, pois esse projeto representa, enquanto texto, os mesmos pressupostos de ordem social presentes na arquitetura, representados numa forma gráfica bidimensional. Os "outros aspectos comunicativos" também estão presentes na representação gráfica do projeto, que podem ser analisados não só por sua notação própria, mas pelas reações advindas da interação sujeito/objeto no processo de leitura semiótica. Assim como na escrita não está toda a palavra, no desenho não está toda a arquitetura.

"A cultura acadêmica, em geral, esteve inclinada para a adesão do desenho àquilo que na realidade se vê, confundindo com a simples percepção um problema que, ao contrário, tinha uma postura bem mais ampla." (Martina, 1989:57)

O simbolismo expresso na representação gráfica do projeto arquitetônico não se restringe, no entanto, somente aos aspectos funcionais e de decifração do código, mas permite análises que procuram dar conta de aspectos não revelados na linguagem do desenho técnico. Segundo Martina (1989), o puro conceito visual da forma hoje está superado, conjugando-se ao "poder da comunicação", pelo qual pode-se ler o objeto em questão com maior ou menor cuidado, permitindo à abordagem semiótica uma análise mais rica dos componentes que o determinam.

À semelhança da Arquitetura (obra pronta), o projeto arquitetônico (obra

anunciada) é tradicionalmente avaliado primeiramente pelo seu aspecto denotativo, emergindo de imediato os significados primários, o que, para Martina (1989), é um procedimento de leitura muito modesto. Segundo o autor, a análise neutra é ilusória: o aspecto comunicativo de um objeto é variável com o tempo, sendo seu poder de comunicação dependente do momento da leitura efetuada. Se fosse neutra, a leitura semiótica não passaria de simples decodificação de significados pré-estabelecidos. Corona Martínez (1990) também salienta que entre as virtudes dos meios de representação da arquitetura não estão a neutralidade ou a "inocência". Para ele, a representação certamente incorpora formas ocultas de uma "ditadura analógica",² que o tempo revelará com maior clareza.

A efetiva compreensão da linguagem gráfica de representação do projeto pressupõe uma compreensão dos códigos utilizados. Tradicionalmente, o processo de leitura desses códigos é encarado como *decodificação* de significados já prontos e dados como verdadeiros. Avalia-se a capacidade de leitura como a capacidade de *captar* mais ou menos rapidamente, com maior ou menor fidelidade, o significado atribuído ao código. "Captar" já traz implícito que as informações objeto da comunicação são um dado fechado, inerte, que não admite outras interpretações que não sejam aquelas já estabelecidas. Significa também que o interlocutor da mensagem deverá mostrar o quanto se aproxima do conceito dado como ideal e correto, devendo absorvê-lo acriticamente. Por oposição a

² O autor distingue os modelos de representação analógicos (modelos físicos que têm características análogas aos objetos, são parecidos com eles, podendo ser imaginados como o próprio objeto ou como um reflexo realista) dos modelos digitais ou abstratos, que não guardam relação aparente com o objeto representado.

“interpretar”, “captar” não admite interpretações. “Captar” é passivo.

Essa postura vê o significado de uma mensagem como um dado pronto, imutável, manifestando-se como um discurso reiterativo que nada acrescenta.

No âmbito da construção civil, este referencial conduz a um processo de comunicação entre técnicos e operários que transcende a simples operação de *codificação/decodificação* de uma linguagem, ou de *produção de significados* por parte dos participantes da mensagem, com vistas à compreensão/execução de uma tarefa. Transforma-se no que Bourdieu (*Apud* Soares, 1991:55) chamou de *relação de força simbólica*, determinada pela estrutura do grupo social em que ocorre a comunicação.

“Assim, as relações de força simbólicas presentes na comunicação lingüística (aquí uma comunicação não-verbal) definem quem pode falar a quem e como; atribuem valor e poder à linguagem de uns e desprestígio à linguagem de outros; impõem o silêncio a uns e o papel de porta-voz a outros. Os usos da língua dependem da posição dos interlocutores na estrutura das relações de força simbólicas, e por isso essas é que devem ser estudadas, para que aqueles possam ser interpretados.”(Soares, 1991:56 - grifos da autora)

À semelhança das trocas lingüísticas verbais, a comunicação não verbal também é regida por fatores externos à sua estrutura. Não é somente a adequação e a lógica interna da linguagem gráfica definida pelos técnicos para a representação do espaço que faz com que ela seja compreendida pelos usuários, mas também como esta linguagem está disponível no *mercado lingüístico*, onde importa não somente o que se diz mas *quem* diz. A natureza das relações sociais dos

usuários deste mercado é que vai definir as possibilidades de acesso e uso da linguagem, propiciando *lucro* (leia-se *poder*) àqueles que melhor fizerem uso dela.

O ocultamento das relações sociais que intermediam estas trocas lingüísticas conduzem a uma leitura equivocada do problema, ao não considerar que o acesso à aquisição dos códigos da linguagem está definido pela própria dinâmica das relações. Novamente a hegemonia do capital vai definir *quem* poderá entender *o que* os técnicos querem dizer, através de *que* linguagem.

Ao abordar o processo de comunicação da idéia arquitetônica, via projeto graficado, à luz da teoria semiótica, o sentido dos códigos não deverá ser estabelecido por um processo de “decodificação” ou “captação”; a compreensão da linguagem deverá ser vista como um processo de *produção de significados*, estabelecidos num processo que leve em conta as condições em que este discurso gráfico se produz, investigando de que maneira ele molda e modifica as relações entre os agentes envolvidos na sua efetivação.

Sob este ponto de vista, o caráter do discurso levado a efeito num canteiro de obras não terá em conta apenas o fato de que ele “fala da arquitetura” (critério semântico), mas...

“...depende muito mais do fato de que, ao fazê-lo, realiza certos tipos de atos sociais transformadores das relações intersubjetivas (critérios sintático e pragmático), estabelece sujeitos ‘autorizados’ (com direito à palavra), instala ‘deveres’, cria ‘expectativas’, instaura ‘confiança’, e assim por diante. (Landowski, 1992:10 - Grifos e aspas do autor)

Landowski também considera a linguagem não apenas como simples suporte de mensagens que circulam entre os emissores e os receptores que as interpretam. Para ele, o sentido de uma comunicação se dá na interação que ocorre entre os "sujeitos" individuais ou coletivos envolvidos no discurso. Ou seja, não existem significados ou sentidos dados como prontos, onde a função do receptor da mensagem é apenas recebê-la e incorporá-la, pois "tudo o que faz sentido é construído"(Landowski, 1992:11).

Ainda segundo Landowski,...

"...há todo um conjunto de hipóteses e de procedimentos operatórios de construção consideravelmente recente, capazes de enriquecer a compreensão de muitos fenômenos concernentes às relações que a vida política - e, mais geralmente, qualquer relação de poder - mantém com a linguagem."(p. 9 - grifos meus)

Sendo o projeto arquitetônico um elemento que intermedia as relações de trabalho - e de poder - entre técnicos e operários no canteiro de obras, o referencial semiótico presta-se para a análise do processo de interação desses operários com a linguagem gráfica arquitetônica. Essa abordagem poderá, então, fornecer condições para uma análise dos aspectos comunicativos deste sistema de códigos que antecipa o discurso arquitetônico, procurando dar conta dos aspectos comunicativos desta linguagem, que tem características simbólicas semelhantes à arquitetura e que, no entanto, não são estudados com a mesma intensidade.

Referências Bibliográficas

CORONA MARTINEZ, Alfonso. *Notas sobre el problema de la expresión en*

arquitectura. Buenos Aires: EUDEBA, 1969.

_____. *Ensayo sobre el proyecto*. Buenos Aires: CP67 Editorial, 1990.

ECO, Humberto. *A estrutura ausente*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

GLUSBERG, Jorge. *Sociosemiótica de la arquitectura*. Buenos Aires: Centro de Arte y Arquitectura para América Latina, 1978.

JENCKS, Charles / BAIRD, George. *El significado en arquitectura*. Madrid: Editorial Blume, 1975.

LANDOWSKY, Eric. *A sociedade refletida - ensaios de sóciosemiótica*. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

MARTINA, Enrichetto. Levantamento Analítico-Crítico Específico: Expressão de Didática e de Pesquisa. In: *Sinópses*. São Paulo: nº12, FAU/USP, p. 52/67, novembro 1989.

SCHUNCK, Dulcinéia. *A construção gráfica do espaço urbano*. Brasília: Instituto de Arquitetura e Urbanismo / Universidade de Brasília, 1992. Dissertação de Mestrado em Desenho Urbano.

SILVA, Elvan. *Arquitetura e semiologia*. Porto Alegre: Sulina, 1985.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola - uma perspectiva social*. São Paulo: Ática, 1991.

ZEVI, Bruno. *Saber ver a arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.